

ENTRE PROFESSIONNAIS

Meteu a chave à porta, entrou e disse logo:

— Convidei os Carlos para amanhã.

A mulher que muito bem. Que tinham a noite livre.

— Claro que tínhamos a noite livre.

— Então?

— É que não sei se vais gostar.

— De que é que não vou gostar?

Ela não morria de amores, nem pelo Carlos, nem por ela, a Judite, com quem o outro vivia desde que se divorciara, se não antes.

— É que eu queria que jantassem connosco.

— Com quem haviam de jantar, se os convidaste?

— Mas aqui.

O desagrado que ele esperava.

— Queres dizer aqui em casa?

— Quero dizer aqui em casa.

Quando tinham amigos para jantar, costumavam ir ao Esquina d'Ouro, mesmo a dois passos e como que feito de encomenda. Ambiente confortável, intimidade. Nada de guardanapos de papel nem mesas em correnteza. E viam-se caras conhecidas. Algum jovem Secretário de Estado, cronistas políticos igualmente jovens, jovens quadros. Tudo gente que se tornara adulta pouco antes do 25 de Abril e chegara à vida, por assim dizer, na altura

própria. Tinham participado activamente em manifestações de rua, plenários, acções reivindicativas. Mas tinham também recuperado, quase todos, o uso da gravata. Possuíam agora o seu *BMW*, uma casa na praia. Discutiam com argúcia e ironia a grande crise e nela se movimentavam sem qualquer dificuldade. Peixinhos ágeis nos turbilhões do Oceano.

Fazerem do Esquina d'Ouro a sua casa de jantar fora uma conquista mais da Revolução. Certamente irreversível. Libertara a Luísa, ao receberem amigos (muitas vezes), de andar nas compras, de meter-se na cozinha mal chegava do emprego, de pôr a mesa e arranjar-se à lufa-lufa, devendo ainda simular uma frescura e boa disposição que, quando as visitas chegavam, efectivamente já perdera. A festa assim não era só para os outros.

— Mas o que é que te deu? Queres dizer mesmo cá em casa?

Tentou um desvio grande na conversa, na esperança de o fazer mudar de ideias.

— Ou há algum problema... com o teu chefe?

Costumava resultar. O Carlos era Director de Serviço na *Per-mex* e *Wenkla* Portuguesa e, portanto, chefe directo do marido. Mas este não gostava nada que ela lho lembrasse, mesmo de brincadeira. Por isso ela lho lembrava em certas ocasiões.

Ele passou a mão na cara vagarosamente, de patilha a patilha. Correu-a pelo bigode.

— Não, não há nenhum problema.

Ela conhecia-o bem.

— Não? Tens a certeza?

— Tenho, sim, tenho a certeza.

— És capaz de não ter...

— Tenho, sim. Há apenas uma situação, como chamar-lhe?, delicada. Uma grande chatice.

E, desviando os olhos: — Ele já não é, como tu dizes, o meu chefe.

Houve um silêncio. De surpresa. E de incredulidade.

— Já não é o teu chefe? O quê? Mudaram-te de sector?

— Não. Ele é que vai mudar.

A surpresa cresceu.

— Mudar?

E cresceria ainda mais.

— Já não é Director de Serviço.

Ou ele bebera, ou estaria com febre, ou ela já não entendia nada deste mundo.

— Já não é Director de Serviço, quem? O Carlos? Pode lá ser! Que história é essa? E desde quando?

— Não interessa. Desde há dois ou três dias.

— Desde há dois ou três dias? E não me disseste nada?

— Não calhou. O pior é que ele ainda não sabe. Aí tens a chatice.

— O quê? Deixou de ser Director de Serviço e ainda não sabe?

— Estou convencido disso, pelo menos.

Ela pôs-se repentinamente muito séria.

— Ele não sabe e tu sabes? Que é que se passa, Jorge?

— Nada. Ele não sabe e eu quero que saiba. Apenas isto.

Ironia para a frente:

— Digamos então que se trata daquilo a que vocês chamam um jantar de negócios?

— Também não.

— Não?

— Sou amigo do Carlos, tu bem sabes. Não quero que haja tricas entre nós. Jantar aqui em casa terá outra intimidade, ajudará. Ainda achas mal?

— Não acho mal, acho chato.

Mas quando soube enfim de que realmente se tratava, «Ó Jorge, isso é possível?», não opôs mais resistência.

— Eu ajudo, Luísa. Farei tudo o que puder. Mas tem de ser. Desculpa, tem de ser.

Sorriso maternal, primeiro.

— Tem de ser! Ele, no teu lugar, queria bem saber de histórias. Estou mesmo a ver a Judite a preparar um jantar...

Depois, nenhum sorriso: — Mas está bem, amanhã estou de serviço. Para que é que a gente se casa?

E, como estaria de serviço, fez os seus planos. Com tipos como o Carlos, sobretudo a Judite, só havia, na verdade, dois caminhos. Ou nunca os sentar à própria mesa (levá-los ao Esquina d'Ouro era outra coisa), ou recebê-los com alguma cerimónia.

Nem de mais — pôr-se a gente de cócoras, espera lá! —, nem de menos.

No dia seguinte saiu mais cedo do emprego, comprou o que lhe faltava num virote, encafuou-se na cozinha. Dando, de vez em quando, uma saltada à sala para ir estendendo a toalha na mesa — qual toalha?, esta era feia, aquela estava mal passada —, pôr os pratos, os talheres. Sem deixar de pensar: para aquele estupor do Carlos, para a dengosa da Judite!

Claro que, quanto a ajudas, o marido se limitou a chegar mais cedo, com uma garrafa de vermute (a outra estava no fim), o pequeno embrulho com as fatias de presunto que ela lhe encomendara: «Não te esqueças do presunto!»

Deu um beijo na nuca da mulher, «és um anjo, meu amor», e foi tomar um duche porque estava, como sempre, extenuado. Enquanto ela cirandava entre a cozinha e a sala: os cinzeiros estavam limpos?, havia flores nas jarras? Até que pôde enfim atirar com o avental, ir lavar-se também, escolher um vestido sóbrio, certamente diferente do da outra, dar uma escovadela nos cabelos. Tudo tão a correr que retocava ainda os olhos quando a campainha soou. Faltavam cinco para as nove.

O Jorge precipitou-se para a porta, abriu. No patamar, estava o Carlos, passado a ferro da cabeça aos pés e, a seu lado, a Judite, que lhe dava pelo ombro, com umas calças de veludo carmesim e uma blusa muito justa e afogada, de gola e punhos arrendados. Expectante, sorridente, um pequeno Watteau.

— Entrem! Entrem!

Os beijinhos da praxe na Judite. Um abraço apertado no amigo, como se o não visse há meses. E, já no corredor, passou os dois para as mãos da Luísa, que acorria lá de dentro, com o seu melhor sorriso. Ela beijou um, beijou o outro, fê-los sentar, muito amável, como se fosse um autêntico prazer tê-los ali com ela. Verificando, entretanto, que o *blaser* do Carlos Souto era igualzinho ao do Jorge. Como era igual nos dois o corte do bigode. Dois irmãos, dir-se-ia. O que, falando francamente, não lhe agradava nada.

— Viemos cedo? — quis saber a Judite, de olhos muito redondos, de boneca, e uma inocência cativante, se fosse verdadeira.

— Para os amigos nunca é cedo...

Em risonho taco-a-taco, queria a Luísa dizer: não venhas para cá com teatradadas. E num sorriso mecânico de hospedeira do ar:

— Que é que querem?

— Qualquer coisa. Um brande — disse o Carlos. — Pode ser?

E a Judite, traçando a perna, com o vagar a que a justeza da calça a obrigava:

— Cá para mim um dedo de uísque. Mas sem água, está bem?

A Luísa serviu-os, sorridente, muito fada do lar. («Mais?... Assim?...») e deu um pulo à cozinha para acabar «umas coisas».

— Não demoro.

Enquanto o Jorge, ainda em pé, deitava para si um pouco de vermute.

Mas já os amigos reparavam, com surpresa, na mesa posta para o jantar.

— Que é isto? Não vamos ao Esquina d'Ouro?

Estava-se a ver que não. O que fazia o Carlos lamentar não ter sabido antes. Teria trazido ao menos umas flores.

O dono da casa encolheu os ombros. Que nem se falasse nisso.

— Para variar. Ou preferiam comer fora?

— Oh não! — acudiu a Judite, anichada no canto do sofá, uísque na mão. — Está-se tão bem aqui...

Mas o Carlos, com olho de gestor, avaliava a situação. Aquilo era um trabalhadeira escusada para a Luísa, que não faltara ao emprego com certeza. Comprar os géneros, preparar o jantar, servi-lo, lavar depois a loiça e limpar a cozinha, arrumar tudo. O que o levava a atribuir-lhe cinco estrelas como dona de casa, embora como mulher (para voltinhas no carro, para a cama) não lhe desse mais que duas, quando muito.

Fumaram os primeiros cigarros, folhearam revistas, falaram de tudo e nada. E, quando a dona da casa, sempre sorridente, apareceu com as talhadas de melão meio encobertas por generosas fatias de presunto («Querem vir para a mesa?»), já sob os candeiros se ia adensando o fumo e se criara o ambiente próprio para um convívio demorado. Vinha aí uma noite de prazer tranquilo.

Foi um jantar agradável. Não faltaram histórias de uns e de outros, anedotas, elogios à cozinheira, que os acolhia com ditos

do género «não me façam corar», «o que é bom é o vinho, bebam mais».

Do terceiro para o quarto copo, e ainda iam no branco, os olhos da Judite tinham ficado mais vivos. Não dizia nada ao Jorge que não estendesse a mão sobre a toalha, demorando-lha no pulso, com prazer. O que fazia o Carlos rir, trocando olhares entendidos com a Luísa: está aqui, está grossa de todo. Luísa que, aceitando esse diálogo silencioso, declaradamente contra a outra, se sentia bem paga no seu vestido discreto. Estava à distância (zinha) necessária para poder pensar: tens aquilo que mereces, meu palerma.

Comiam, repetiam, riam. Sobretudo bebiam.

E só para o fim da refeição, saboreando o pudim — «óptimo» também (a Judite queria a receita, hás-de dar-me a receita, sim?) — se começou a perceber no Carlos Souto um possível mal-estar. Dava-lhe o vinho para a tristeza?

— A vida devia ser só isto, sempre assim.

Pensativo, o Jorge concordou.

— É verdade, só isto.

Uma angústia miudinha trepava por ele acima. Infiltrava-se naquela efémera euforia em que o pusera o álcool, a comida, a cavaqueira. Até a mão da Judite de quando em quando pousada no seu pulso.

Mas a Luísa cortou:

— E agora vamos ao café!

Era realmente o que faltava. Um cafezinho. Bem quente. Talvez com pouco açúcar.

Afogueados e moles, espalharam-se pelo sofá e pelos meiples, com os olhos no grande vidro da máquina. O café custava a subir, enchendo, assim, muito a propósito, aquele vazio embaraçoso do depois da janturada, quando apetece mais fechar os olhos que falar.

O Jorge descobriu que estava um calor insuportável.

— Não queres despir o casaco, pá?

— Se a Luísa não se importa...

E ela que ora essa, não faltava mais nada. Comparando as camisas dos dois: iguais na qualidade, no corte, no número também, quem sabe?

A Judite suspirou:

— Quem me dera fazer o mesmo...

E o Carlos, já em mangas de camisa, sem esconder o agastamento:

— Realmente! Sem teres casaco, é difícil despi-lo...

— Mas tem a blusa que deve incomodá-la, assim tão afogada...

Distribuindo as chávenas, a Luísa experimentava-a, incitava-a.

— Importa-se que a dispa?

— Cá por mim...

E passava o açucareiro de mão em mão. — Só se eles se importarem. Mas não creio.

— Que bom! — suspirou a Judite.

Desembaraçou-se logo da blusa, que, embora quase transparente, de tão justa e afogada, a fazia transpirar.

E ficou com os seios, mais opulentos do que seria de supor, quase todos descobertos. Porque a função do seu *soutien*, branquíssimo e de alças muito finas, não era encobrir, naturalmente, mas de facto apenas sustentar.

Aquele branco e talvez a sua exiguidade tornavam mais triqueira a pele lisa, como que polida, tersa, com sugestões de ouro ou brasa. O colo, os ombros, a região abdominal visível até ao cós das calças, tudo aquilo era saúde e mocidade. Via-se bem — pensava o Jorge — por que o Carlos a aturava há tanto tempo.

Mas o que ainda deslumbrava o Jorge, sob o olhar divertido da Luísa, já deixava o outro indiferente. Tudo o que este queria, se não maçasse muito, era mais um café. E uma gota de conhaque.

Bebeu-os em silêncio.

Depois, enfim, volvendo os olhos para o Jorge, como se arrastasse um grande peso:

— Tu não sabes de nada?

A Luísa percebeu. O marido também. A tempestade vinha aí. Como aliás esperavam.

— Não sabes nada do que se passa comigo?

— Contigo?

— Sim, lá na Permex?

Trovões, mas longe. Porque o Jorge hesitava, demorava. O que provocava na mulher uma ponta de desgosto.

— Bom... sob que aspecto?

O Jorge contou, então, como quem revela um facto histórico, que o tinham destituído de Director de Serviço.

— Pode lá ser! — exclamou logo a Luísa, para disfarçar o silêncio do marido.

— Até custa a acreditar. É ou não é? Ainda me custa a acreditar.

— Mas que invocaram?

Outra vez a Luísa. A proteger o marido, a dar-lhe tempo.

— Nada.

— Pode lá ser, ó Carlos!

— Absolutamente nada. Que por conveniência da empresa. Que é que isto quer dizer? Palavra de honra! Só partindo-lhes a cara! Quem terá servido a empresa mais do que eu?

O Jorge nem palavra. E a Judite, de perna traçada, abria os braços sobre o rebordo das costas do sofá e inclinava a cabeça toda para trás, pondo assim em evidência a firmeza elástica do pescoço e exibindo mais o redondo cheio dos peitos. Atirou para o ar uma baforada de fumo, longa e lenta.

— E tu ralado! Ficas com o mesmo vencimento...

Ele destemperou:

— Tu cala-me essa boca. Terás alguma ideia do que seja brio profissional?

— Lá quanto a isso, nicles, é verdade.

Risinho inconsciente. — Nicles mesmo. Só acho que te deves estar nas tintas para essa história de seres isto ou aquilo. Desde que não te vão à algibeira.

Novamente ele trocou um olhar entendido com a Luísa. Aquela burra. Estatuazinha de carne, brunida e saborosa como um fruto selvagem. Mas, quanto ao resto, que desgraça! Não percebia nada, nada, nada!

— Ó Jorge, tu já sabias?

O Jorge engoliu em seco, mordeu a ponta do bigode, pôs os olhos no chão e conseguiu dizer:

— Sabia.

— Tu sabias? Tu? E desde quando?

— Desde antes de ontem.

Agora a tempestade estava mesmo em cima da cabeça deles. Ia cair o raio.

— Quê? Quando me convidaste para jantar tu já sabias? E não me disseste nada? Até hoje? Até agora?

— Mas não houve raio. O Jorge explicou-se calmamente. Tinha ganho coragem. Dominava a situação.

— Não disse nada para não te chateares antes de tempo. Talvez as coisas se compusessem. Eu nem podia crer.

— Devia parar ali. Mas não parou, fez mal.

— E não era eu que devia dar-te a notícia. Eram eles.

— Não eras tu? Essa é boa! Com que então não eras tu! Teve um sorriso verde. — E a amizade? Isso não conta? Tu sabes bem que é uma infâmia. Que não foi nada por conveniência da empresa que me puseram a andar. Que cumpri sempre exemplarmente. Ou não?

— Lá isso, ninguém o negará. Nem eles, nem ninguém. Toda a malta te grama na Permex. Quase toda.

— Então?

— Então é o que sabes. Os tempos mudaram. Tu foste longe de mais, talvez, não sei...

A Luísa pasmava com a serenidade do marido e o recuo do outro. Totalmente inesperado.

Com o 25 de Abril, o Carlos Souto descobrira a política. Esta é que era a verdade. Aí é que estava a chave. Filiara-se num partido. Disparate. Nunca o Jorge cairia numa dessas. Por influência desse partido — ou assim se dizia —, fora feito Director de Serviço. E estava certo. Era homem à altura do lugar. Em pouco tempo, mudara todo o estilo de trabalho. Afastara ociosos para tarefas de menos responsabilidade. Não hesitara em tonar-se impopular, mandando controlar as horas de entrada e de saída (não de todos, é verdade), proibindo telefonemas particulares, aparecendo com frequência em várias secções de serviço. Nem em todas, pois é. Fizera subir a postos-chave gente da sua confiança, não muito antiga na empresa, entre a qual o próprio Jorge. Tinha uma grande força a apoiá-lo. Invejavam-no. Caluniavam-no pelos

cantos. Bajulavam-no. Mas agora, diabo, onde estava essa força? Era a ressaca.

A Administração mudara. Atribuíam-se os reveses da empresa a vícios da Direcção, favoritismos, intromissões políticas inadmissíveis numa firma como a Permex e Wenkla Portuguesa, cujos capitais, ainda por cima, eram em grande parte estrangeiros. Que se acabara o regabofe. Os que ele fizera substituir, de algum modo lesara, procuravam a desforra. Era lógico, não? E os que se tinham visto obrigados aquele tempo todo a chegar a horas, as empregadas impedidas de telefonar para as amigas e as que escondiam o *tricot* na gaveta mal corria o «anda aí o Souto», tudo isso levantava a cabeça, falava de injustiças, não queria mais saber de cooperação e liberdade, se era aquilo a cooperação e sobretudo a liberdade. Se as coisas são assim, que se há-de fazer?

Mais que vencido, o Carlos sentia-se vexado.

— Achas que alguma vez fiz política na empresa?

— Não. Não me parece.

— Oh! — implorou a Judite já com sono. — Não falem de política, está bem?

Agarrara numa revista ilustrada, folheava-a, folheava-a, fumava um cigarro até meio, tirava outro do maço, realmente saturada da conversa.

— É assim — disse o Jorge, cada vez mais à vontade. — Tens de encarar a realidade de frente. Tens de aceitá-la.

— É o que faço, que remédio!

Apertava o isqueiro na mão. Acendia-o. Apagava-o.

— Mas há-de concordar que é duro. Dei três anos da minha vida, sem olhar a horas de trabalho, àquela malta. Limpei a casa, pus a máquina a funcionar, que aquilo andava para ali aos tombos. E, de repente, toma lá um pontapé no rabo e vai para a pra-teleira.

— Uma grande chatice...

Era tudo o que o Jorge encontrava para dizer: — Uma injustiça!

Tentando convencê-lo de que por toda a parte há injustiças. Que o que há mais são injustiças.

— Tens de aguentar, meu velho. E ainda não é mau. Há quem seja saneado de outro modo. Lá nisso estou com a Judite...

— Oh, Jorge, meu amor!

Ela pulou no sofá de tal maneira que os peitos quase se escavavam totalmente do *soutien*.

— És a primeira pessoa que me dá razão. Se não fosse a Luísa, dava-te um grande beijo!

— E porque é que não dás? — perguntou esta sem lhe dar muita atenção. Exactamente como se dissesse «faz tudo o que quiseres mas não interrompas a conversa».

— Ah dou?

Levantou-se a correr, dirigiu-se ao Jorge, estendeu-lhe as mãos para a cabeça. Mas passou-lhas apenas no cabelo.

— Não, não dou. Ele merecia mais que isso.

E tornou a sentar-se no sofá, a agarrar na revista.

O que interessava à Luísa era ver como o marido aguentaria a manobra envolvente que habilidosamente iniciara. Com bom tempo. A trovoada ia longe ou fora só imaginada. Pela primeira vez, tinha pena do Carlos. Deixara cair a máscara que trazia à chegada. Que conseguira manter durante o jantar todo. E ficara um farrapo. Acendia os cigarros uns nos outros. Era alguém à deriva. Tudo o que nele habitualmente a irritava — a snobeira, o arreda que quero passar, o quem manda aqui sou eu — esfumara-se. Via-se bem que, ignorando ainda o principal, tudo o que queria era a inútil ajuda duma palavra de conforto. Dizia, repetia:

— É incrível!

Só para ouvir dizer que sim, que era de facto incrível.

— Tu pensas que alguma vez dei motivo a ser assim tratado?

O Jorge achava que não. Que talvez não.

— Fala, homem. Agora tanto faz. Só gostava de entender alguma coisa disto tudo.

— Mas não tem nada que entender. Cá para mim, é uma vinçanzinha. Sabes que sim. Trabalhaste sempre bem. Não é preciso dizer-to. Foste um excelente Director de Serviço. O melhor que conheci. Mas, já se sabe, não há ninguém intocável. Para mais num ambiente como aquele. Podes ter tido os teus deslizes, sei

lá... Esses deslizes terão servido de pretexto. Quem é que não tem deslizes?

— Deslizes?... Por exemplo?

— Sei lá... Eles é que hão-de saber. Ou de inventar. O caso do Antunes indignou muita gente...

— O Antunes é um reça.

— Pois é.

— E ninguém protestou.

— Pois não, na altura. Mas, tu sabes, é por trás que se fala, que se corta. Pela frente sorrisos, pelas costas manguitos. Que à minha frente nunca ninguém se atreveu a tocar-te. Mas as coisas cheiram-se, não é? Andam no ar.

E após um silêncio contristado:

— E a Lurdes, lembras-te? Dessa vez, ó Carlos, não há dúvida: mesteste o pé na poça.

— Mas ela sabotava. Mais ninguém, além de mim, tinha acesso ao ficheiro, àquele arquivo. Quem mais poderia ter feito desaparecer os documentos?

— Eu sei. Talvez. Mas nunca ficou completamente esclarecido.

— Para mim, ficou.

— Para ti, pois. E para mim, para alguns mais. Mas tu sabes como as pessoas são. E foste logo substituí-la pela Glória!

— E depois?

— Ó Carlos, pela Glória! Pela Glória, que não é, por acaso, mais competente do que a Lurdes. Que foi vista, por acaso, a almoçar contigo várias vezes. Que é, por acaso, do mesmo partido do que tu...

— Ah! — disse a Judite. — Há uma Glória? Que giro! Não sabia.

O Jorge avançava com prudência, ganhava confiança, ia fechando o cerco.

— Repara bem. Eu não estou a dizer que eles têm razão. Ninguém pode ter razão contra um profissional como tu. Sempre estive contigo. Sabes isso, não sabes? Mas tenho a impressão de que casos como o do Antunes e o da Lurdes — e outros, terá havido outros, com certeza, é natural —, mas sobretudo o da Lur-

des, que é íntima do Silva da Administração, que já lá está outra vez, não devem ser alheios a esta história toda.

O Antunes. A Lurdes. Dois casos de imprudência. Ele próprio o pensava há algum tempo. Dois erros crassos. Não havia então tempo de armar bem o laço antes de puxá-lo. O caminho parecia todo aberto. Bastava a ousadia de avançar, de varrer quem se opusesse.

O Antunes, bom... Ele próprio dera o flanco, velho e ronha, apesar de ronha, um tanto lorpa. Louvava quase sem rebuço «o antigamente». Trabalhava cada vez menos, sempre a badalar pelos cantos a última patifaria que constava. Afinal igual às de antes. Ele mesmo o dizia. Admitindo portanto que antes as houvera e a que ponto. Mas como se então fossem um direito natural do homem. O sacripanta! A Lurdes, porém, era outra louça. Nada frágil. Tinha armas próprias que chegavam para pôr do seu lado qualquer Silva de todas as administrações — passadas, presentes e futuras. Ele mesmo assinara a proposta de deslocação que tanto a tinha humilhado. E ela sabia-o bem. Pois já depois, um belo dia, metera-lhe a cabeça pela janela do carro, com um sorriso manso: «Importa-se de me levar a casa?» E ele, inábil, um idiota, respondera o quê? Que ia para o lado oposto, mil perdões, mas não calhava. Não calhava! Como se lhe custasse alguma coisa aquela pequena gentileza, subir até, se ela insistisse (quase certo que sim), ter-lhe, enfim, cortado as unhas rentes.

Coisas que lhe vinham à cabeça agora. Desde que começara a olhar as coisas de outro modo, mil vezes arrependido de se ter metido na política, tudo por causa da mulher, aquela disparatada. Deixara-se levar por ela. Por aquele entusiasmo. Por aquela novidade. Às primeiras notícias, ela correra logo para a rua, estivera no Largo do Carmo, andava quilómetros em manifestações, punha emblemas nas camisolas dos filhos, distribuía manifestos nas bocas do metro, arrastara-o para aquele deslumbramento do povo unido jamais será vencido e outras fantasias, está-se a ver agora no que haviam de dar. Ora ele fora sempre um técnico, nada mais que um técnico. Julgar-se também político tinha sido a maior cabeçada de toda a sua vida. Para quê? Tarde ou cedo chegaria a Director de Serviço, sem precisar de partidos para nada.



Mas tinha pressa. O que é humano. Ou não? Não é humano querer chegar depressa? E tinha medo também. Não queria nem conzinha ficar só. Ir na crista da onda. E aparecera a Judite, mo-ranguinho saboroso. No mesmo dia daquela viva e estúpida discussão. Na sua frente, de cordoveias inchadas, a mulher: «És um oportunista!» Que era por causa dele e dos outros como ele que tudo se havia de perder. A grande cabra! E feia! Só nessa altura viu como era feia! Tempo da grande liberdade. Recomeçar a vida toda. Por que havia de ficar preso àquela mulher feia que lhe chamava nomes? Os braços da Judite. As pernas da Judite. Noites seguidas enrolado na Judite. Já havia quem lhe chamasse camarada por andarem sempre juntos. E agora nem o lugar já tinha, raramente via os filhos. A mãe voltava-os contra ele. Afastavam-se dele, na empresa, os que antes o apoiavam, incitavam.

— Achas que a comissão de trabalhadores fará alguma coisa?

— Talvez. Mas está muito desfalcada, como sabes. De qualquer modo, é inútil. As coisas mudaram muito e vão mudar ainda mais.

Que novidade! Já tudo quanto queria era sentir-se acompanhado na derrota. Estar ali, por exemplo, com um amigo verdadeiro. Que discretamente o convidara para jantar na altura própria, com toda aquela intimidade.

— E tu, Jorge? Também te chatearão? A verdade é que fui eu que te pus no lugar onde estás... És capaz de figurar também na lista.

Um secreto desejo. Ninguém gosta de sentir-se abandonado.

— Bom... Eu nunca me meti em política, como sabes. Toda a gente o sabe. Sou um profissional. Apenas.

— E eu? Não é isso que sou?

Notoriamente amigos e seu homem de confiança número um aquele tempo todo, era pouco provável que a nova Administração os não associasse. Só que, no caso dele, Jorge, a situação seria bem mais grave. Não havia nenhuma cláusula no regulamento interno da empresa que permitisse arrumá-lo naquela espécie de conselho técnico consultivo para onde agora o atiravam. Naquele lazareto. Onde uns esperavam pela reforma e outros faziam relatórios que talvez ninguém lesse.

Foi a altura de a Luísa interromper. Ela que bem sabia estar a conversa muito longe do fim. O momento mais grave ainda não chegara.

Apesar de a Judite ter já dito várias vezes que era tarde, que estava farta de lamúrias, que queria ir para a cama, a Luísa decretou, que não senhor, que nada disso.

— É ainda muito cedo. Vamos tomar mais um café. Ou chá?... Preferem chá? Fiz um bolo de propósito para vocês. Têm de prová-lo.

À palavra «bolo», a Judite despertou e desenroscou-se do seu canto, como uma flor que o sol abre e distende. Quis ajudar. Atravessou a sala num passinho miúdo de saltos muito altos, coxas bem apertadas nas calças de veludo, o tronco praticamente nu, os seios pulando. E foi atrás da Luísa para a cozinha.

Os olhos do Jorge tinham-na acompanhado do sofá até à porta. O que ela percebeu e lhe agradou.

— Como é que tu sabes e fazes tantas coisas? Ainda por cima, empregada?

— Tantas coisas?

A Luísa enchia a chaleira, acendia o gás.

— Mas é o trivial...

Humilhá-la era fácil. Tentador. A ocasião excelente. Já tinha, porém, perdido toda a vontade de feri-la. Era um corpo excepcional. Apenas. Esse corpo duraria, assim, um tempo mais. E, depois, acabou-se. Extinto o esplendor agressivo que então tinha, adeus Judite. Não haveria mais Judite. Tarde de mais conheceria o que é a vida. E talvez não, quem sabe? Um acidente de automóvel, um colapso cardíaco. Há gente com muita sorte.

Cortou o bolo em fatias. Pôs na bandeja as chávenas de chá. Como é que aquele parvalhão do Carlos preferira aquilo à outra, com quem estivera casado muitos anos? De quem tinha filhos. E que, embora mais velha e sem qualquer beleza especial, era em tudo e por tudo o que se chama uma mulher?

— Não me digas que não sabes fazer um bolo...

— Bolos? Não. Só sei comê-los.

— Então para que pedes as receitas?

— Para fazer como vocês...

E estendia os lábios lisos e carnudos, passava a língua por eles num movimento muito lento que devia pôr os homens sequiosos. Um movimento de lamber e de sorver. Era o que ela sabia e o que queria: comer, beber, lamber, sorver, sugar. A Luísa estremeceu. Não seria afinal o que todos queriam? Ela própria também? Na conversa dessa noite, naquele jantar nada inocente, não seria isso também, isso e só isso que os movia a todos?

Quando regressaram à sala, os homens estavam silenciosos.

Com entusiasmo exagerado (mudar de assunto!, esquecer por momentos o assunto!), o Jorge quase arrancou o bule das belas mãos da Judite.

— Eu sirvo. Deixem-me servir. Onde é que estão as chávenas?

O Carlos Souto lamentava toda aquela maçada que a Luísa tinha tido. Sincero. Grato.

Estava muito habituado a ser alvo de grandes provas de estima. Mas na aparência. O Director de Serviço dum potentado como a Permex e Wenkla Portuguesa mexe um pequeno mundo e exerce influências directas e indirectas para lá dele. Ali agora era outra coisa. Eles sabiam. O seu reinado acabara. Só a amizade verdadeira poderia explicar o que se estava passando nessa noite invulgar.

O bolo da Luísa concentrou algum tempo as atenções. A Judite repetiu sem se fazer rogada.

— Ó Carlos, que delícia!

Voltava-se para a Luísa.

— Que é que isto tem? É mel?

Embora com um fundo pouco alegre, invocaram-se festas da infância. A avó do Carlos ou do Jorge, provavelmente as duas, faziam um bolo muito parecido. Era receita antiga? A Luísa sorriu, talvez fosse, não sabia. Inclinou-se para o Carlos:

— Mais?

Mas o Carlos tapou o prato com a mão.

— Está excelente, mas não. Não posso mais.

Bebeu o resto do chá, que também estava excelente. De que também não queria mais. E, mal pousou a chávena, já tinha esquecido o bolo.

— Tu sabes o que é que no meio disto tudo me diverte?

A Luísa sentiu, com os lábios na chávena, a trovoada a aproximar-se novamente.

— O que mais me diverte é pensar onde irão eles desencantar alguém para substituir-me.

Ela ia a dizer «pois é». Não se atreveu. Enquanto o Jorge se levantava, ia até à janela, se punha a olhar para a rua, onde não havia nada para ver.

— Porque, pensando bem, passando aqueles tipos todos um por um, onde é que está alguém à altura do lugar? Com experiência, com firmeza, um verdadeiro gestor? Só se trouxerem gente de fora. Mas não me cheira. Sem conhecer as tantas pontas da meada, punha aquilo tudo de pantanas. E não é isso o que eles querem, já sabemos.

Era uma ideia que de algum modo o consolava, dando-lhe esperanças insensatas de voltar a ser chamado, com desculpas, promessas, e ele a fazer-se caro, ditando as suas condições, tendo-os na mão, agora é que vão ver.

O Jorge continuava em pé, de costas, a olhar lá para fora. Sem dizer palavra. Enquanto a mulher juntava as chávenas na bandeja sem bem saber o que fazia. Com a certeza de que o raio ia cair agora, ali, já nada os livraria disso.

Viu o marido voltar-se, vagaroso, sem sair de onde estava, com o quase imperceptível tique na pálpebra direita, que sempre tinha nos momentos difíceis. Ouviu-o, por fim, dizer:

— Eles já escolheram.

Pesaroso. Só ela sabia o esforço que teria feito para dizer aquilo.

Mas o Carlos sorriu.

— É impossível...

O Jorge abandonou a janela. Sentou-se no canto do sofá oposto ao da Judite. Não queria ficar de frente, nem para ela, nem, muito menos, para ele.

— Tenho a certeza, Carlos. Já escolheram.

— Eis o que eu não esperava... — disse o outro, tranquilo. Porque pensava: vai falando, meu filho, que a mim não me enganam eles. E disposto a recusar qualquer resposta: — E é de lá, da Permex?

— É.

A Luísa desapareceu como se houvesse fogo lá para dentro.

— Deves estar mal informado. Pensei em todas as hipóteses. Todas. Nem uma se tem de pé. Conheço aquela casa como as minhas mãos. Tens mesmo a certeza de que já encontraram substituto? E assim? Tão depressa?

— Tenho.

O outro voltava à mesma:

— Só se for alguém de fora.

O Jorge desesperava.

— Não é, não.

— Bom. Vamos lá admitir que está tudo resolvido...

Era para ele indiscutível que o amigo tomava a sério um mero boato que os tipos da Administração teriam posto a correr. Com qualquer intuito que não via qual fosse, em todo o caso um truque.

— Diz lá então quem é.

Fanfarrão. Seguro de poder provar por a + b que se tratava de um boato.

Posição exacta do amigo: entre a espada e a parede. Adiar mais era mentir. E para quê? Inclinou-se para a frente a esmagar um resto de cigarro no cinzeiro, nunca mais deixava de esmagá-lo. E foi assim, inclinado para a mesa, sem se voltar, sem erguer a cabeça, querendo e não querendo acabar com aquilo numa vez, que arranjou forças para dizer:

— Sou eu.

Agora, sim, ia cair o raio. Tinha de ser. Aguardou uma explosão de cólera, um insulto. Ou, então, um grande espanto: «Tu?» Ou uma recusa a aceitar a evidência: «ora, ora, é lá possível...».

Mas os segundos passavam e, uma vez mais, nada de raio. Foi erguendo a cabeça devagar. Virou-se a custo para o amigo. E ficou assombrado.

O outro tinha os olhos longe, instalado num silêncio muito mais ofensivo do que todos os insultos.

— Ó Carlinhos, ele pôs-tos!

Era a Judite, numa voz meio-chorosa de criança mimada e ao mesmo tempo alegre. Achou graça àquilo: não esperava.

O Jorge odiou-a. Entre a vontade de esganá-la e a esperança ansiosa de que o outro, ensimesmado, a não tivesse ouvido.

A Luísa, que escutara tudo atrás da porta, regressou. Sentou-se com os olhos no marido, à espera. E ele falou (surpresa!) sem precipitação.

— Tudo isto é muito chato, Carlos, muito chato. Nem tu calculas o que me custou a aceitar. Que pensarias tu? Isto é que me roía cá por dentro: que pensarias tu? Eu, o teu melhor amigo... Mas ser eu ou outro vinha a dar na mesma. Pensei isto e pensei bem. O pior era tu deixares de ser Director de Serviço. O resto... E, sendo eu, talvez evitasse o pior, mesmo para ti. Tens de compreender...

Mas o outro nem sequer o ouvia. Aquela imensa surpresa fazia vir à tona certas coisas. Ao falar no Antunes e na Lurdes, pouco antes, o patife insinuara mais casos: «e outros, terá havido outros». Acusava-o afinal. Justificava o que lhe tinham feito. Tomava o partido deles, dos sacanas. Já na altura — lembrava-se agora bem — não se pusera nunca claramente do seu lado. Evasivas, silêncios. Sempre a lavar dali as suas mãos. E que havia quem fosse saneado doutro modo. Que ainda não era mau. O safado! Aquele jantar, ali em casa e não no Esquina d'Ouro, visara, muito provavelmente, não serem vistos juntos. Toda aquela doce intimidade tinha sido uma farsa. E agora entendia o abraço exagerado com que fora recebido, tendo estado juntos horas antes. E entendia também as interrupções e retiradas dela, sobretudo a última, no momento exacto da revelação. E aquele arzinho ingénuo, confrangido com que dissera no princípio da conversa «Pode lá ser!», «Pode lá ser!». A cabra! Ela que estava sem dúvida a par de tudo. Sabia bem como se montavam essas farsas, para quê. Só não esperava que aquele atado do Jorge, seu homem de confiança número um o tempo todo, e a sonsa da mulher fossem sequer capazes disso. Tinha sido levado. Isso o enervava mais que tudo. Tinha sido levado.

— De forma que... — disse enfim o ex-Director de Serviço no tom cortante de quem não perdoa nada. — De forma que... tudo estava planeado, combinado, organizado. Quando me puseram a andar, já te tinham falado, já me tinhas traído...

— Garanto-te que não.

— E não tiveste vergonha de trair um amigo. Sobretudo quando todos se voltam contra ele. Aceitaste calar-te para aproveitares a situação. Deste-lhes a possibilidade de fazerem de mim o que quisessem, quando quisessem, como quisessem...

— Não é verdade, Carlos. Ouve-me e verás que não.

Mas ele não ouvia. Continuava. Insistia. Naquele tom que sempre o tornara insuportável aos olhos da Luísa.

— De forma que, quando me convidaste para vir hoje aqui jantar, todo amizade, aqui, na doce intimidade do teu lar, estava o negócio fechado. E nem uma palavra sobre o caso. Já eras o novo Director de Serviço da Permex e Wenkla Portuguesa — vê lá não rebentes de importância... — a tratar com piedade o pobre amigo, o parvo, que caíra em desgraça. Que tu mesmo tinhas ajudado a cair em desgraça. Fazendo-me um manguito. Tu mesmo é que disseste: pelas costas, manguitos. E, para me levares à certa, com palavrinhas mansas, bons vinhos, bons pitéus... E eu ainda a inquietar-me com o que pudesse acontecer-te por te julgar dos meus! É preciso ser besta!

— Ó Carlos! Escuta!

— Ora essa piedade, fiquem sabendo os dois — tu também, minha pomba sem fel —, não preciso dela para nada. Cago nela.

Levantara-se à procura do casaco. Não queria estar ali mais um minuto. Apetecia-lhe quebrar tudo, dar murros, bofetadas.

— Só gostava de saber quanto gastaram nesta festinha comovente. Digam lá quanto gastaram. Eu pago a nossa parte e assim ficamos quites. Não gosto de dever seja o que for a trapaceiros. O novo Director de Serviço!... Até dá vontade de rir. Parabéns, Director...

O Jorge e a Luísa trocaram um longo olhar. Seria melhor assim. Que ele falasse, desabafasse, dissesse o que bem lhe parecia. A situação era tão delicada, na verdade, e ele devia sentir-se tão vexado que conviria deixá-lo esvaziar o saco. Todo.

— Também és tão exagerado! — ousou dizer a Judite. — É um urso. Mal se lhe toca, é isto!

Ele olhou-a com raiva. Mesmo raiva.

— Não te metas, minha bruta. Veste ao menos a blusa, tem vergonha, que já se acabou a festa. E sobretudo está calada, que contigo posso eu bem.

E a verdade é que ela vestiu a blusa à pressa, sem voltar a abrir a boca.

Mas a Luísa pegara a tempo no casaco dele, com a firme intenção de não lho deixar vestir. Defrontava aquele monstro de vaidade, habituado a pôr e a dispor, a mandar, a humilhar. Aquele monstro agora ferido. Talvez lhe causasse dó, não piedade. E era quase com prazer que o via escabujar como um lobo no fojo.

Agarrada ao casaco, disse, fria:

— Já nos insultaste bastante. Acho que chega.

Olhava-o de cima.

— Agora tens de ouvir o Jorge. Sabes perfeitamente que ele não é capaz do que tens estado para aí a acusá-lo. Quanto a mim, é indiferente. Tanto faz que me insultes como não.

— Tanto te faz, hem?

— Sim, tanto me faz. O que tu penses de mim ou eu de ti não conta nada. Vocês é que são amigos e não há razão para deixarem de sê-lo, penso eu.

— É o que resta ver.

— Restará. Mas não assim, aos gritos, só com um a falar. Julgas os outros por ti e estás muito exaltado. Aliás, todos estamos exaltados. É preciso acalmar.

Pendurou o casaco dele, com todos os cuidados, nas costas duma cadeira. Decidiu:

— São quase três da manhã. Vamos tomar qualquer coisa. Ainda há restos do bolo.

— Eu não quero nada — disse o Carlos escoucindo.

— Mas queremos nós. Não queres, Judite?

— Talvez, não sei...

E acrescentou:

— Que chatice! Tinha sido uma noite tão gira...

Vieram os restos do bolo, o brande, o que ficara do pudim. O próprio Carlos, resmungando, acabou por aceitar um café. Pareceu ao Jorge boa altura para retomar a conversa.

— Eu compreendo, Carlos.

Era a altura de facto. O outro não esperneou. Ouvia. — Comprendo que te sintas muito ferido. Que imagines coisas. Que digas todos esses disparates. Contra mim. Mesmo contra a Luísa, que nada tem a ver com isto. E não to levo a mal. São horas dadas, a gente perde a cabeça. Diz o que quer e não quer. Mas fica a saber que não aceito. Preciso de te explicar...

O Carlos repontou:

— Explicar! Que é que tu queres explicar que não esteja já explicado?

— Tudo.

— Tudo o quê? Não ocupaste o meu lugar? Não foi o que disseste?

— Foi. Ocupei o lugar que era agora teu, como tu ocupaste, há três anos, o lugar que era de outro.

— Não nas mesmas condições.

— Exactamente as mesmas: convite da Administração.

— Que é outra.

— Como tinha passado a ser outra quando tu entraste. Não foi a Administração ter mudado que te impediu de aceitar o convite, pois não? Terá sido até por isso, ao que parece. E, nesse ponto, O.K. Nenhum motivo de reparo cá para mim.

O Carlos Souto olhava-o de lado. Ouvia por ouvir aquele traste.

— Só numa coisa tens razão. Mas repara bem: só nessa. Este convite para jantares hoje aqui, em minha casa e não no Esquina d'Ouro, foi de facto intencional.

— Não me enganei, portanto...

— Enganaste-te, sim. E muito. Porque a minha intenção não era levar-te à certa, como pensas. Era, ao contrário, com a maior franqueza deste mundo, dizer-te eu próprio que aceitara o lugar, e como, e quando. Para evitar que houvesse intrigas e chatices entre nós.

— Ah! Tinhas ilusões sobre isso...

— Pois tinha. Claro que tinha. E tenho. Se assim lhe queres chamar. Mas convém que saibas — isto é muito importante — que eu ignorava tudo sobre a tua destituição. Que só depois mo disseram. Estás a ouvir bem? Só depois, quando já estavas desti-

tuído. E que não te disse nada porque até ao fim acreditei que as coisas andariam para trás, que tudo se havia de compor. Mas não. A decisão fora tomada por unanimidade. Sabes o que isto quer dizer: por unanimidade. Estavas, pois, arrumado. Definitivamente. E só então — nota bem, só então — é que me chamaram para formularem o convite.

— Que tu aceitaste logo...

— Não.

— Não? Quanto tempo levaste a decidir? Não foram dias...

— Não foram dias, foram horas.

— Vês? Foram apenas horas. Quantas? Três? Duas? Julgas-me parvo ou quê?

— Foram as necessárias e só as necessárias para saber que, se eu não aceitasse, chamariam... Sabes quem? Vê se adivinhas. Conheces aquela casa como as tuas mãos. Nada te escapa. Deves poder adivinhar. Diz lá nomes.

— Não me interessa adivinhar. Já disse que não via lá ninguém. Não ia pensar em ti.

— Não adivinhas, não. Pois fica então a saber que quem eles chamariam, se eu não aceitasse logo, enfim, poucas horas depois, era um teu velho amigo...

— Vai-te lixar. Que velho amigo?

— O Quim. O Quim Abreu.

— O Quim... Abreu?

— Esse mesmo, aí tens. Aquele que há perto de três anos tu foste substituir, etc. e tal. E então, com o pó que te ter, tanto a tua situação como a minha — sobretudo a minha, eu sei — seriam o que deves calcular.

Que mais lhe faltaria ouvir? Maldita a hora, uma vez mais, em que se filiara num partido. Reuniões de trabalhadores. Plenários. Discursos em comícios na empresa. Tudo isso influenciado pela louca varrida da mulher, que praticamente lhe roubara os filhos e lhe chamara «oportunista». Mas por que raio dera tanta importância a uma simples palavra? Oportunista? Talvez sim, talvez não. Bem importava isso. De qualquer modo um idiota. Jogara mal. Não soubera defender-se, precaver-se.

A Luísa fez sinal ao marido: o outro não estava a ouvi-lo.

— Escuta, Carlos. É preciso que ouças. Quero que ouças. O fundamental disto tudo para mim é tu saberes que nunca te traí.

Trair ou não trair — disse o Carlos para consigo sem mexer os lábios —, que é que isso quer dizer? E o Jorge, continuando:

— Quando aceitei o lugar — ouve-me por favor —, ele já não era teu. Já não tinhas a menor possibilidade de voltar a ocupá-lo. Dirás que aproveitei a situação e não discordo. Aproveitei. Claro que é uma promoção. Mas não à tua custa.

Repetiu:

— Mas não à tua custa.

Inútil insistência. O outro ia mudando ou já mudara por completo. Estava longe. Enterrado no meiple, tinha os braços caídos, como um pobre pugilista ao acordar dum K.O. Arrependia-se do que dissera pouco antes? Por que não? Arrependia-se de ter jogado mal mais uma vez. Arrependia-se de tudo. O que nele havia e nele crescia, o estava dominando era a amarga consciência de já não ser o Carlos Souto. E de, a partir desse momento, passar a depender dum ex-subordinado. E de, ainda por cima, dever estar grato por isso. Que ironia! Se não fosse ele, seria o Quim Abreu. O Quim Abreu!

Rendeu-se sem condições.

— Não sei o que dizer. Desculpem.

E encontrou os olhos frios da mulher do novo Director (essa manhosa!), que teve um gesto largo e generoso:

— O que lá vai, lá vai.

— É tão tarde! — lamuriou a Judite. — Vamos embora ou não?

Mas agora era ele que não pensava em partir. Remexia aquilo tudo. Repensava. Procurava ainda — que ilusão! — uma saída airoso. Num tom que ele próprio desconhecia, encetou novos caminhos.

— Está tudo agora muito claro. Já te pedi desculpa, já lhes pedi desculpa. De qualquer modo, ó Jorge, não achas... enfim... como dizer?... Não achas que, sendo nós unha com carne há tantos anos, tendo sido eu que te fiz subir na empresa — toda a gente o sabe e ainda bem, não me arrependo, só fiz o que devia —, não achas que aceitar o lugar — e, digamos, tão depressa — pode ser

interpretado como uma falta de solidariedade? E dar-lhes razão a eles? Talvez eu no teu caso...

— No caso dele, tu... — quis intervir a Luísa.

Mas o Jorge interrompeu-a, compreensivo e firme:

— Espera. Ele está a falar outra linguagem. Não te esqueças, ó Carlos, não te esqueças de que eu não sou nem nunca fui político. Isto é que é importante. Não convém que o esqueças. Se eu tivesse um partido, se fosse como tu, talvez devesse recusar, esquivar os empregados, os operários, sugerir uma greve, criar embaços à nova Administração, demitir-me, sei lá! Mas eu sou um profissional, tu bem sabes, só um profissional. O meu dever é prestar a melhor colaboração à empresa a que pertença, desde que ma peçam. Trair-te como amigo, nunca. Mas uma coisa são as relações pessoais, outra muito diferente é a questão profissional, o trabalho, a carreira. Que não tem nada a ver com a política...

— Claro — interrompeu o Carlos.

Estava mesmo vencido. Conhecia aquela história de cor. Tomara ele poder chamar-lhe sua.

Foi buscar o casaco onde a Luísa o tinha posto. Vestiu-o devagar, ajeitou a gravata.

— Não se fala mais nisso. Já lhes pedi desculpa. Volto a pedi-la.

Estendeu a mão. — Amigos como dantes?

— Por que não?

Era o Jorge, que pouco a pouco ia mudando, já vagamente protector, senhor da situação. — Nos primeiros tempos, claro, estarei muito ocupado. Como deves calcular melhor do que ninguém. Já passaste pelo mesmo. Mas, logo que puder, vamos encontrar-nos de novo muitas vezes. Aliás, hei-de precisar da tua ajuda, com certeza. Não ma hás-de negar.

E a Luísa para o marido, sentindo o outro liquidado:

— Não me digas que esse maldito lugar não te vai deixar tempo para jantar com os amigos.

— Só nos primeiros tempos.

— Mesmo nos primeiros tempos. Era o que mais faltava. Parece-me que a Judite não desgostou de cá estar.

— Adorei!

« Numa coisa, estavam todos de acordo. Era realmente muito tarde. Tudo estava dito. Tudo estava arrumado. A vida continuava.

Despediram-se com abraços e beijinhos de encostar a cara, promessas de voltarem a ver-se muito em breve. Os quatro. Que o novo Director e o novo subordinado ver-se-iam todos os dias na Permex.

« O elevador desceu. Fechou-se a porta da escada. A Luísa saltou ao pescoço do marido.

— Ó Jorge! Formidável! Foste mesmo formidável!

Metia-lhe as mãos pelos cabelos, beijava-o na cara, no pescoço, em todo o lado.

— Senhor Director de Serviço! Meu Director de Serviço!

Enquanto em baixo, o Carlos e a Judite se metiam no carro. Ele acendeu as luzes, meteu a chave da ignição.

— Os grandes filhos...

— Da puta! — concluiu ela, numa grande risada que o motor, ao pegar, abafou completamente.

1980